

A Água em Contextos Culturais no Sertão: referência ambiental na pré-história e culto religioso no presente.

Luana Vieira Coelho¹,
Suyanne Rabelo Barreto²,
Marcélia Marques do Nascimento³

Resumo

As condições ambientais de aridez no sertão, desde a pré-história, instigam nas populações humanas modos diversos de viver, de interagir e de significar natureza. Água, desde a pré-história tem se apresentado como referencial de deslocamento e de favorecimento ocupacional. Ressalta-se que outras experiências podem ter sido atribuídas a este elemento natural, na pré-história, no entanto devido à limitação do registro material, poucos contextos de inserção sócio-cultural deixaram registros. No presente, podemos observar na Fazenda São Francisco, onde se situa o sítio de arte rupestre homônimo registros de arte rupestre, onde a escolha do local da permanência de homens e/ou mulheres da pré-história pode ter sido decorrente da localização, do mesmo, próximo ao curso d' água. No entorno deste sítio, localiza-se ainda uma capela e uma escultura, onde se desenvolve o culto a São Francisco. Neste contexto, uma fonte d'água, consumida materialmente e ritualizada simbolicamente imprimem novos sentidos a presença da água no sertão.

Palavras-Chaves: *Água, Pré-História e Deslocamento.*

Abstract

The environmental conditions of aridity in the interior, from pre-history, human populations instigate different ways of living, interacting and mean nature. Water from pre-history has been presented as a reference displacement and favoritism occupational. It is noteworthy that other experiments may have been attributed to this natural element, in pre-history, however due to limitation of the material record, few contexts of socio-cultural leave records. At present, we can observe in the Fazenda São Francisco, where lies the rock art site namesake records of rock art, where the choice of location of residence of men and / or women of prehistory may have been due to the location, even near the water course. In the surroundings of this website, located even a chapel and a sculpture, which is developing the cult of San Francisco. In this context, a source of water, consumed materially and symbolically ritualized print new senses the presence of water in the backcountry.

Key Words: *Water, Prehistory and Displacement.*

1. Introdução

Desde a pré-história homens e mulheres tem ocupado **áreas**, temporária ou prolongadamente, que lhes ofereçam uma fonte de consumo para assegurar a vivência sócio-cultural e econômica. Nesses contextos, a água é um recurso hídrico essencial. As populações pré-históricas escolheram as proximidades dos reservatórios d' água para se instalar, tais como riachos e lajedos onde ocorrem acúmulo d'água. No Sertão Central do Ceará notadamente, na cidade de Quixadá, onde os colonizadores portugueses **aldearam os índios Canindés e Jenipapos**⁴ em territórios próximos

1 Graduada em História na Universidade Estadual do Ceará (UECE) / Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC)
Email: luanacoelho_93@hotmail.com

2 Graduada em História na Universidade Estadual do Ceará (UECE) / Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC);
Email: Karla.srb@hotmail.com

3 Doutora em História / Área de Concentração em Arqueologia. Coordenadora do Núcleo de Arqueologia e Semiótica do Ceará (NARSE), FECLESC/UECE. Email: marques.marcelia@terra.com.br

4 **Grifo nosso.**

a fontes d'água podemos constatar a preferência dos conquistadores por regiões que oferecessem maior variedade de recurso para facilitar dessa forma seu trabalho. Ainda nesta perspectiva de ressaltar aspectos fisiográficos relacionados com a constituição de aldeamentos indígenas no Sertão Central do Ceará, Antonio Bezerra afirma que:

Os Tapuias Canindés, em 1731, requereram ao Governador de Pernambuco, Duarte Sudré Pereira, alegando que havia mais de vinte anos viviam no gremio da igreja sem missionário, e por isso lhe pediam um missionário para se aldearem nas **cabeceiras do Choró⁵**, onde moravam os holandeses, paragem a que chamam Muxió, [...] **que fica entre as ilhargas da margem esquerda do antigo riacho Queiru, pelo tempo adeande Sitiay, depois Sitiá, e à margem direita do Camará, afluente à esquerda deste⁶**, no município do Quixadá”. Prossegue este autor, referindo-se a outra solicitação da mesma natureza. “Tempos depois, em 21 de outubro de 1739, Henrique Luís Pereira Freire, Governador de Pernambuco, tendo em consideração o requerimento de Miguel Silva Cardoso, Índio da nação Genipapo, [...] mandou aldeá-los com a nação Canidé, por serem ambos da mesma língua e parentes, no Sítio Banabuiú. (BEZERRA, 1918, p. 140)

No marco de períodos históricos, a ocupação do Ceará, no século XVII pode ser considerada um exemplo de busca por espaços que, notadamente os cursos dos rios, oferecessem condições adequadas para a sobrevivência e ainda, orientação de rotas de deslocamento. Pinheiro (2007, p.33) corrobora esta afirmação, considerando que a “[...] pecuária avançava para o interior da capitania principalmente para a ribeira do Jaguaribe, que foi a mais importante área de ocupação [...]”.

A água dessa forma vai se instituindo e se constituindo em novos contextos de significação, a saber, geográfico, cultural, social e religioso. E ao longo dos processos de ocupação, desde a pré-histórica, vai sendo apropriada pelos sujeitos pré-históricos e históricos, tanto de forma semelhante quanto diferenciada.

Na pré-história, em larga medida, a água é considerada um elemento indispensável à sobrevivência. No entanto, haveriam outras **práticas realizadas com a água sem que tenha havido registro de vestígios passíveis de testemunhos**? Não temos nenhum registro que nos assegure a confirmação desta hipótese, pois sendo **indispensável à vida física, também** poderia estar circunscrita a outras atividades no âmbito sócio-cultural e religioso. O que observamos, no geoambiente de Quixadá, especificamente na Fazenda São Francisco, é que no decorrer do processo histórico a água passou a ser inserida em múltiplos contextos, tanto no plano do consumo como em manifestações culturais, notadamente religiosas.



2. A Arte na pedra: expressão da cultura pré-histórica.

O Sítio São Francisco está situado a 6 km da sede cidade de Quixadá. Na área encontramos diversas formações rochosas onde caracteriza o endemismo de espécies. A paisagem é delineada por montanhas ou maciços residuais do embasamento cristalino. Essas formações rochosas formam ecossistemas isolados da matriz que as cercam, e **é numa dessas formações que pode ser encontrado esse sitio arqueológico de pinturas rupestres.**

⁵ Grifo nosso.

⁶ Grifo nosso.

No Sertão Central do Ceará constatamos que os registros de Arte Rupestre, até os momentos identificados, estão todos posicionados nas proximidades de recursos hídricos. O **Sítio arqueológico Letreiro da fazenda São Francisco, em Quixadá**, é um exemplo dessa ocupação.

Este sítio se localiza próximo ao curso do Rio Sitiá, que inclusive foi palco da ocupação da referida cidade, conforme mencionamos anteriormente. O rio Sitiá está circunscrito na bacia hidrográfica do rio Banabuiú e do rio Jaguaribe, dois grandes reservatórios d'água **tidos como referenciais para o** abastecimento nas regiões.

No sítio São Francisco foi realizada arte pré-histórica em afloramentos graníticos, onde predominam os grafismos puros⁷. A tonalidade do pigmento está entre o vermelho escuro e o vermelho claro. Pela espessura do traço considera-se que a pintura tenha sido realizada com o dedo, onde o mesmo foi o executor da imagem. Assim como o Sítio São Francisco, nos sítios do Sertão Central, observa-se que “em todos os sítios, a largura mínima do traço é um dedo” (MARQUES, 2009, p. 114). Há ainda a presença de uma figura reconhecida, que acreditamos tratar-se de mãos de crianças carimbadas.



Figura 1 – Mãos carimbadas

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras, 2013.

Próximo às pinturas do Sítio **São Francisco** foram encontrados um conjunto de cúpulas polidas, realizados em um lajedo, que pode ter sido utilizadas para pilar grãos, macerar vegetais, ou fiar e modelar instrumentos, visto que essas atividades eram comuns nesse período. Acrescentamos a essa ideia o pensamento de Gabriela Martin:

Por muito que os autores materiais dos registros rupestres tenham separado as zonas da sua vida cotidiana e da sua vida espiritual, representadas pelas gravuras e pinturas rupestres, habitavam áreas escolhidas por longos períodos, vieram de outro lugar, muitos morreram e outros abandonaram a região obrigada por outros grupos ou impelida na procura de melhores formas de sobrevivência. (MARTIN, 1999, p. 239)

⁷ Grafismos puros são as representações que Leroi-Gourhan definiu como nível geométrico puro, que consistem em figuras pintadas ou gravadas que não identificamos, segundo imagens do mundo conhecível. (Martin, 1999: 243).

No plano da interpretatividade/significação do acervo de imagens rupestres, nos fogem as concepções dos próprios autores, e ainda mais, o que venha a ser elaborado, neste sentido, pelos observadores na atualidade, tanto especialistas como não especialistas, na medida em que ambos estão sujeitos a projetar elementos de seus próprios universos cognitivos.

No plano da funcionalidade, a compreensão do uso dos sítios com evidências explícitas de arte rupestre, e da função que lhes possa ser atribuída encontra limitações, visto as atividades da vida cotidiana na pré-história estarem também pautadas na utilização de instrumentos de naturezas diversas: lítico, osso, cerâmica e madeira. E para tanto, faz-se necessário o estudo dos contextos arqueológicos onde estão também situadas as manifestações artísticas de arte rupestre.

Na região Nordeste, o sítio Boqueirão da Pedra Furada (BPF), no Parque Nacional da Serra da Capivara (PI.), que possui um vasto acervo de pinturas rupestres, é um dos poucos sítios que teve o contexto arqueológico estudado sistematicamente. Este sítio forneceu 55 datações radio-carbônicas em níveis de ocupação humana numa escala cronológica⁸ de 50.000 anos AP. a 6.150 AP, confirmando evidências de atividades em épocas Pleistocênica e Holocênica. As análises das indústrias líticas neste horizonte temporal e cultural, contribuíram para esclarecer algumas das funções deste sítio em diferentes períodos.

No que confere apenas à época holocênica⁹ do BPF, a título de exemplo, Parenti (1996: 34-35) considera que no Holoceno ocorre uma ampliação nas relações e funções do sítio, pois são introduzidas rochas exógenas e ele torna-se, verdadeiramente, um **acampamento residencial**¹⁰. O estudo das indústrias líticas contribuiu, ainda, para esclarecer que o BPF tinha a função de sítio de habitação, com permanência prolongada, dificultando sustentar uma tese que possa considerá-lo um sítio cerimonial, pois “*la richesse typologique des industries de la phase Serra Talhada, qui indique plutôt un campement de longue durée*”¹¹ (PARENTI, 2002: 243). Nas concepções de Madu Gaspar acerca do domínio da arte em sociedades pretéritas, são destacadas a dimensão cerimonial e ritualística, a saber, “o domínio da arte nas sociedades nativas está particularmente integrado a rotina da comunidade. Reforça tradições e está vinculado ao **domínio ritual**¹²” (GASPAR, 2004, p. 154). Diante destas concepções, consideramos que a expressão da arte rupestre não está, necessariamente, vinculada a domínios específicos de vivências humanas, tais como: ritualístico ou cotidiano, podendo se manifestar em ambos, embora, é provável que a interpretatividade/significação, as quais nos referimos, possa alcançar sentidos diferentes dependendo dos contextos.

3. A apropriação da água em diferentes períodos

A água na medida em que se constitui em elemento fundamental para a existência da vida foi apropriada, durante a pré-história e nos dias atuais, e utilizada com diferentes finalidades e instituída de sentidos. Isto pode ser observado no sítio São Francisco, onde, na pré-história os povos que se situaram naquela região, próximos ao curso do rio Sitiá, **parecem ter se deslocado até** ali a partir da referência deste rio e ainda, permanecido neste local devido à água assegurar a provisão de recursos para garantir a vida. No entorno do sítio São Francisco, foi erguida uma escultura representando este santo homônimo. Neste contexto, foi identificado um olho d'água que, posteriormente foi ampliado com a perfuração de afloramentos do embasamento cristalino. Este poço ou fonte d'água alcança o domínio do sagrado, na medida em que se insere nos usos e sentidos de uma comunidade

8 Veja Parenti (2002: 99-100).

9 Época em que também se inscreve o sítio São Francisco.

10 **Grifo nosso.**

11 “a riqueza tipológica das indústrias da fase Serra Talhada, indica antes um acampamento de longa duração”.

12 **Grifo nosso.**

sertaneja que cotidianamente vivencia a escassez d'água. Este recurso natural se torna um bem raro, escasso e estando no domínio espacial de um lugar sacralizado por São Francisco, alcança o status de “milagre”. Neste sentido, a experiência religiosa dos fiéis na localidade que tem como referência o olho d'água, pode ser dimensionada na concepção de Mircea Eliade ao dizer que:

Vemos, portanto, em que medida a descoberta – ou seja, a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. (ELIADE, p.17, 1992)

Atualmente, no entorno do sítio pré-histórico São Francisco, a água recebe significados tanto para a subsistência como para manifestações religiosas. Na Fazenda São Francisco, no Sertão Central do Ceará, numa região caracterizada pela semi-aridez, a água é considerada um bem valioso, e quanto mais escasso, mais agrega valor. Os fiéis que se dirigem ao Santuário de **São Francisco ritualizam a sua** experiência religiosa e ao mesmo tempo, podem consumir um bem estimado que alcança o status de sagrado, tendo em vista sua escassez e a necessidade para assegurar a vida humana e de outros seres na natureza.

4. Culto religioso na Fazenda São Francisco

Na fazenda São Francisco, regularmente aconteciam cerimônias religiosas, no entanto, o espaço não dispunha de um templo para que as pessoas pudessem fazer suas adorações. A comunidade da região juntamente com o Padre Rosalino Vanzim, que celebrava as missas na época, tinham um imenso desejo de construir uma igreja onde pudessem realizar os cultos, mas a carência de recursos financeiros inibia esta expectativa.

Com a doação do terreno pela senhora Maria das Graças¹³, o referido padre e a comunidade se mobilizaram, através de bingos, quermesses e com a ajuda de doações para assim construírem a capela. A construção transcorreu por dois anos, três meses e vinte sete dias, tendo sido inaugurado no dia 22 de dezembro de 2009. A arquitetura da igreja é feita de pedra, contendo um santuário em seu entorno e possui uma imagem de “São Francisco”, esculpida, sendo este o patrono do local. A este santo são dedicadas diversas manifestações religiosas como missas, celebrações e terço dos homens.

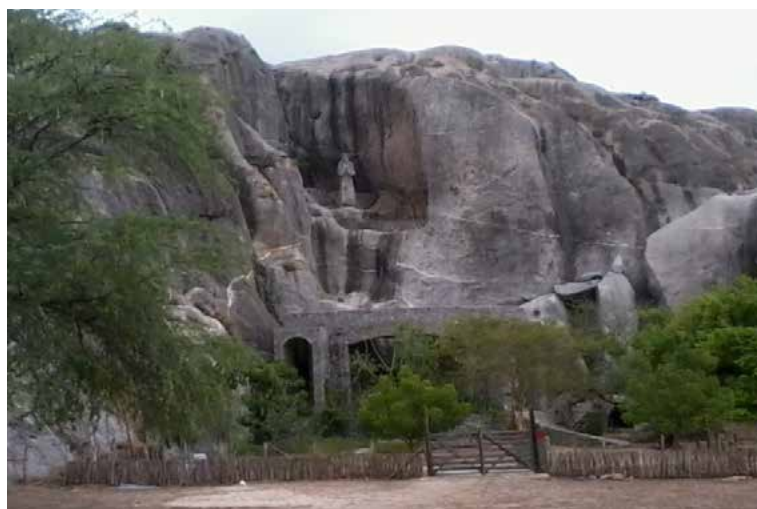


Figura 1 – Igreja de São Francisco

Fonte: Acervo fotográfico das pesquisadoras, 2013.

¹³ Maria das Graças Silva Alencar, 67 anos, dona de casa.

Na capela também foram construídos poços e fora ampliado olhos d'água que tem características tanto religiosas como de subsistência, conforme mencionado anteriormente. A água como fonte de vida imprimiu ao **sítio um caráter religioso, uma** vez que é utilizada para cerimônias religiosas, como o batismo. Em tempos de seca atribui-se a ela o elemento fundamental para a sobrevivência do ser humano, sendo que a água retida nesses reservatórios perdura durante certo tempo.

Todo dia 04 de cada mês acontece uma missa em homenagem a São Francisco, pois o costume do seu dia ser celebrado em 4 de outubro fez com que fosse adotada esta celebração. Vale lembrar que São Francisco foi um irmão missionário que deu a sua vida um sentido profundamente universalista. Dedicando-se ao universo foi “irmão” da natureza em si; do sol, da água e principalmente dos animais ajudando na preservação da vida. Podemos comprovar essa ideia atribuída às pesquisas de Maria das Graças Ferreira, no qual **São Francisco “é mundialmente conhecido como santo patrono dos animais e do meio ambiente: as igrejas católicas costumam realizar cerimônias em honra aos animais próximo á data que celebram o dia 04 de outubro”** (FERREIRA, 2009, p.21).

As populações que residem nas proximidades do santuário são devotas ao patrono, onde constantemente se dirigem a capela para pedir suas graças e principalmente que ele providencie bons tempos de chuva para todos. Vale ressaltar que, segundo relatos de alguns moradores da comunidade aconteceram milagres pela interseção de São Francisco nas proximidades da capela. São frequentes as visitas ao sítio, sendo que turistas se deslocam de outras cidades para fazerem sua devoção ao santo, agradecendo por milagres concedidos e que transformaram suas vidas através da crença e da fé.

5. Materialidades do passado e do presente: preservadas na mesma proporção?

A arte pré-histórica, na pedra, desperta a atenção das pessoas independente dos níveis de especialização do conhecimento; o exotismo é um dos fatores que contribui para atrair os observadores atuais. A atração que os painéis elaborados por pintores e/ou pintoras pré-históricas não se restringem aos planos das plásticas dos painéis, tendo em vista em que a rocha e outros elementos naturais compartilham da composição desta arte de resistência, observada na dureza da rocha e na durabilidade de pigmentos.

A vegetação predominante no Sítio São Francisco é constituída pela caatinga. As espécies vegetais e animais que vivem nesse ambiente são bastante adaptados às condições adversas desse ecossistema, tais condições são o estresse hídrico, os altos níveis de radiação solar e a pouca disponibilidade de substrato. Essas condições abióticas são os principais fatores determinantes na adaptação das espécies encontradas nesses locais, principalmente os vegetais na área da rocha.

Verificamos na arte rupestre no Sítio São Francisco, a presença de intemperismo biótico e abiótico. O intemperismo de natureza biótica se dá pela presença de ninhos de vespas ou buracos na base da rocha que possivelmente foram feitos por animais. Já o intemperismo abiótico, decorrente de processos químicos ou mecânicos pode ser percebido através das manchas brancas e dos deslocamentos no suporte rochoso, respectivamente. As manchas brancas são causadas por precipitações de sais, sendo que o deslocamento pode ter sido fruto de um processo de contração e descontração da rocha, causado por altas temperaturas. Desse modo, podemos observar a atuação destes fenômenos na rocha, e sobretudo, na arte rupestre.

Durante a visita que realizamos ao sítio, pudemos constatar que não existe uma preservação da arte por parte da comunidade, visto que muitos moradores da região não entendem que aquelas pinturas foram elaborados por seres humanos no passado, que de algum modo, mantém um

vínculo e veículo de comunicação deste saber com os processos criativos das populações humanas contemporâneas. Apesar do sítio não ter evidências antrópicas contemporâneas expressivas, percebe-se um relativo abandono do mesmo, assim os processos de intemperismo avançam podendo culminar em destruição efetiva.

A gruta e a capela na área de entorno do Sítio São Francisco **são espaços conservados e arborizados**, revelando a atuação de preservação por parte da comunidade. Durante os 'trabalhos de campo' foi possível constatar que o espaço religioso permanentemente está sendo conservado, tanto no que se diz respeito à limpeza como à manutenção da referida capela. A preservação deste espaço histórico, do Santuário de São Francisco tem um forte contraste no grau de preservacionismo do sítio pré-histórico.

Considerações Finais

Constatamos nos períodos pré-histórico e histórico mencionados, tanto no sítio arqueológico São Francisco, quanto no Santuário histórico São Francisco, que a água foi uma fonte de referencial para ocupação. Os usos da água na pré-história geralmente estão relacionados à fonte de sobrevivência, enquanto que em períodos históricos tem-se o batismo como algo em que a água é incorporada ritualisticamente. É possível que na pré-história a água possa ter assumido outros usos e significados, mas diante da limitação de vestígios que se torna mais evidente na cultura material, essa hipótese carece de mais elementos para comprovação.

Apesar da escassez de evidências na pré-história quanto aos usos ritualísticos da água, podemos perceber uma linha de continuidade onde este elemento perdura até hoje em práticas de populações históricas. Neste sentido o sítio São Francisco vem, ao longo do tempo, tendo a água como um dos norteadores de referência para ocupação, temporária ou prolongada. Devemos atentar para a busca de tradições que atravessaram os tempos e que permanecem até **hoje, pois não podemos** alcançar a espácio-temporalidade de uma sociedade sem considerar os horizontes pré-histórico que possam estar relacionados.

Referências Bibliográficas

- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LIMA, Maria das Graças Ferreira. **História da Igreja de São Francisco de Assis Quixadá (1961-2008)**, editora 2009.
- MARQUES, Marcélia. **Materiais e saber na arte rupestre**, Museu do Ceará: Secult: 2009.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**, Recife: Editora Universitária, 1999.
- Quixadá, **Quixadá-Ce**, BNB, 1991.
- PARENTI, F. Problemática da Pré-História do Pleistoceno Superior no Nordeste do Brasil: o abrigo da Pedra Furada em seu contexto regional. *Fundamentos*, v.1, n.1. São Raimundo Nonato/PI, p.15-53, 1996.
- _____. *Le gisement quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil): stratigraphie, chronologie, évolution culturelle*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 2002.
- SOUSA, Simone de. **Uma nova História do Ceará**. In: PINHEIRO, Francisco José. **Mundos em confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território**. Organização: Simone de Sousa; Adelaide Gonçalves... [et al]-4. Ed.rev. e atual.- Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 17-55.